

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

MAYARA DE SOUZA DIAS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA JOVENS QUE ESTÃO À
PROCURA DO PRIMEIRO EMPREGO**

RIO DE JANEIRO

2022

MAYARA DE SOUZA DIAS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA JOVENS QUE ESTÃO À
PROCURA DO PRIMEIRO EMPREGO**

Monografia apresentada para obtenção
de grau de Bacharel em Ciências
Contábeis, na Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro

Orientador: Professor Raphael Moses
Roquete

RIO DE JANEIRO

2022

MAYARA DE SOUZA DIAS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA JOVENS QUE ESTÃO À
PROCURA DO PRIMEIRO EMPREGO**

Monografia apresentada para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Contábeis, na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Professor Raphael Moses Roquete

BANCA EXAMINADORA

Local:

Data:

Orientador: Prof. Raphael Moses Roquete

Eliane Ribeiro Pereira

Frederico Otavio Sirotheau
Cavalcante

RIO DE JANEIRO

2022

Dedico esta monografia ao meu falecido avô Sebastião Dias da Silva e minha mãe Débora Souza, bem como aos demais familiares que me acompanharam ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos Orixás por me darem a força que tanto precisei nesses 4 anos de graduação, pois sem o seu sustento, não teria chego até aqui. Agradeço também a minha mãe Débora Souza, meus avós Lina Regina Braga de Souza, Thelmo José de Souza e Sebastião Dias da Silva e, também, aos meus padrinhos Marcelo Vinícius de Souza e Sônia Maria de Souza, eles são a razão de tudo.

Adicionalmente, agradeço aos demais membros da minha família e amigos próximos por sempre acreditarem em mim e, também, por todo apoio que recebi. Ao meu orientador Raphael Moses Roquete pela ajuda e orientação durante a elaboração desta monografia.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os professores que cruzaram em minha vida ao longo dos meus 23 anos. Cada um me deixou um pouco de seu conhecimento, que é um presente que nunca poderá ser tirado de mim.

RESUMO

A educação financeira é um tema muito relevante quando se fala da vida social, principalmente no sistema capitalista vivenciado. Ao mesmo tempo em que esse modelo social apoia diferentes formas de consumo, também abre espaço para o risco excessivo, o que leva ao desequilíbrio e descontrole no uso financeiro. Portanto, atitudes prudentes de gastos e gestão de ativos são fundamentais para manter o equilíbrio e a saúde financeira. No Brasil, é natural que jovens a partir de 18 anos procurem o primeiro emprego. Isso ocorre porque eles querem ser financeiramente independentes de seus pais e poder fazer o que quiserem. Também é comum no país que esses jovens não tenham um bom controle sobre sua vida financeira, pois dispõem de poucos programas públicos e materiais sobre educação financeira, estes vêm desde a geração de seus pais. Esta pesquisa tem como objetivo entender o nível de familiaridade que jovens que estão à procura do primeiro emprego têm com educação financeira. Para isso, foi realizado questionário com 10 perguntas, respondido por 112 jovens, de 18 a 29 anos, que residem na zona norte do Rio de Janeiro. A análise das respostas demonstra que a maioria dos jovens não tiveram contato com a matéria na escola, o que conseqüentemente acarreta na falta de conhecimento na hora de organizar suas finanças. Porém, acham importante ter esse tipo de conhecimento.

Palavras-chave: Educação Financeira. Planejamento Financeiro. Mercado de Trabalho. Investimentos.

ABSTRACT

Financial education is a very relevant theme when it comes to social life, especially in the capitalist system experienced. At the same time that this social model supports different forms of consumption, it also makes room for excessive risk, which leads to imbalance and uncontrol in financial use. Therefore, prudent attitudes of spending and asset management are fundamental to maintain balance and financial health. In Brazil, it is natural for young people from 18 years of age to seek their first job. This is because they want to be financially independent of their parents and be able to do whatever they want. It is also common in the country that these young people do not have good control over their financial life, because they have few public programs and materials on financial education, these come from the generation of their parents. This research aims to understand the level of familiarity that young people who are looking for their first job have with financial education. For this, a questionnaire was conducted with 10 questions, answered by 112 young people, aged 18 to 29 years, who live in the northern area of Rio de Janeiro. The analysis of the answers shows that most of the young people had no contact with the subject at school, which consequently results in the lack of knowledge when organizing their finances. However, they think it's important to have that kind of knowledge.

Keywords: Financial Education. Financial Planning. Job Market. Investments.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Mercado de Trabalho Brasileiro: Cenário Atual.....	11
2.2 Ingresso dos Jovens no Mercado de Trabalho	13
2.3 Educação Financeira	15
2.4 Planejamento Financeiro Pessoal.....	21
3 METODOLOGIA.....	22
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é natural que os jovens após completarem 18 anos procurem o primeiro emprego. Isto se dá por conta do desejo de serem financeiramente independente dos pais e sentirem-se livres para fazerem o que quiserem.

É comum também, no país, que esses jovens não tenham um bom controle de sua vida financeira, tendo em vista a pouca quantidade de programas públicos e ofertas de materiais ofertados sobre educação financeira, que vem desde a geração de seus pais.

A educação financeira é uma temática de grande relevância quando se fala sobre a vida em sociedade, sobretudo no sistema capitalista vivenciado. Esse modelo social, ao mesmo passo em que possibilita diversas formas de consumo, abre espaço também para o risco do excesso, que gera o desequilíbrio e descontrole no uso das finanças. Por isso, a prudência de atitude no consumo e na administração de seu patrimônio é fundamental para manter um equilíbrio e saúde financeira.

A população, por outro lado, se encontra cada vez mais endividada e inadimplente, um claro reflexo de uma falta de educação financeira na população. Pois pessoas que são educadas financeiramente, conseguem conviver de forma mais harmônica com suas rendas e gastos, adotando o hábito da poupança como uma necessidade. A educação financeira deveria ser aplicada ao sujeito ainda na infância, porém, na realidade, poucas famílias ocupam-se de oferecê-la e ela também não é uma temática abordada nas escolas.

Os debates relacionados aos aspectos financeiros e econômicos se ampliaram na população, dado o desenvolvimento da economia e por consequência da demanda por produtos cada vez mais diferenciados, bem como na busca por solucionar problemas gerados pela má gestão de recursos financeiros. Os temas associados às finanças são mais comentados no campo social, familiar e escolar, consideradas as mudanças nos costumes e comportamentos, bem como dos problemas ocasionados pela falta de controle financeiro.

O presente estudo tem como objetivo compreender o nível de conhecimento os jovens que estão à procura do primeiro emprego têm sobre educação financeira. Para isso, foi enviado um questionário para 112 jovens de 18 a 29 anos, na zona norte do Rio de Janeiro, cujo qual indaga sobre assuntos que norteiam o tema.

Com base nos dados levantados, percebe-se que 87,5% do público-alvo não tem exposição à educação financeira na escola, o que é de se esperar, e mesmo assim, acreditam que 100% desses jovens entendem de finanças Educação. Essa disciplina é importante, seja para aprender a economizar ou ter uma vida financeira mais administrável e sem muitos gargalos, o que é positivo.

Quanto aos fins, o estudo é classificado como descritivo, pois a pesquisa descritiva visa caracterizar determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis. Quanto aos meios, tem caráter bibliográfico porque, explica um problema em termos de referências teóricas publicadas na literatura. Já quanto ao método, ele é quantitativo por ser caracterizado pelo uso da quantificação, tanto na forma como as informações são coletadas, quanto na forma como são processadas pelas técnicas estatísticas.

E, assim, o trabalho será dividido em revisão literária, metodologia e análise dos dados. O primeiro tópico será descrito o cenário do mercado e a educação financeira. A seguir, será demonstrado os métodos, isto é, será descrito como a pesquisa foi realizada, para no fim, expor os resultados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Mercado de Trabalho Brasileiro: Cenário Atual

A sociedade vem enfrentando velozes e crescentes mudanças impactando nossa forma de produção de bens. Junto a isso é crescente o consumismo que se encontra numa fase mais flexível e de adaptação do que a fase anterior de controle. Enquanto a sociedade de informação enfatiza as forças de produção, a pós-fordista dá destaque às relações de produção unindo a tecnologia ao conceito de relações sociais. Junto a isso é crescente o consumismo que se encontra numa fase mais flexível e de adaptação do que a fase anterior de controle.

O trabalhador depois dos anos 80 passou a viver uma flexibilização da produção e o termo globalização passou a ser relacionado como um fenômeno econômico que apresenta a imagem de uma única economia, de um único interesse, o fluxo internacional de capitais foi desencadeado, o setor público produtivo foi privatizado, ou dissolvido, e a política monetária priorizou a estabilidade de preços sobre o crescimento econômico. (SINGER, 2000).

Enquanto o fordismo, de acordo com Tenório (2011), se configurava como uma maneira de organização de produção e trabalho, com o foco na produção e principalmente, o consumo em massa, marca de um período de crescimento, foi necessário para manter o capitalismo ativo incorporar as massas, o que significa fornecer a sociedade empregos estáveis, e uma série de direitos, como saúde e educação.

De acordo com Singer (1998), como consequência do Toyotismo na produção e a mobilidade do capital e das multinacionais, possuir um emprego fixo, passou a ser um privilégio de uma pequena parte da sociedade de difícil substituição, enquanto o restante, sem qualificação ficou vulnerável à precarização do trabalho, principalmente em países menos desenvolvidos.

O que derrotou os sindicatos e os obrigou a aceitar a instabilidade foi a nova mobilidade que o capital adquiriu na segunda fase da globalização. O grande capital transnacional simplesmente abandonou o campo de batalha e se mudou para países onde o movimento operário era incapaz de lhe dar plena liberdade para reformular as relações de produção de acordo com seus próprios interesses. (Singer, 1998)

Ainda segundo o autor, o processo de globalização provoca uma nova organização da divisão do trabalho, causado pelas diferentes produtividades e seus custos entre os países. As empresas procuram diminuir os encargos trabalhistas fazendo de seus funcionários como prestadores de serviços, autônomos subcontratados, o que acaba desmotivando-os a buscarem por seus direitos, e com a terceirização, diversas atividades passam a ser realizadas por pequenos

empresários ou cooperativas, o que faz com que esses trabalhos não ofereçam mais garantias e direitos habituais e de carregar os custos que antes tinham.

Apesar da globalização ter trazido diversos benefícios, para Singer (1998), ela também trouxe consequências para o mercado de trabalho, que passou por um processo de deterioração, os governos brasileiros desregulamentaram o comércio externo e o sistema financeiro, extinguiram o controle dos preços e criaram uma âncora cambial para estabilizar os preços, que tornou o Brasil ainda mais dependente de entradas de capital externo. O autor afirma que o Brasil precisaria construir o seu sistema de previdência social e legislação trabalhista levando em consideração que no futuro a maior parte da sociedade não terá contrato de trabalho que protejam seus direitos.

Um exemplo disso, é a terceirização, que traz com ela uma flexibilidade em seu vínculo, já que o empregador deixa de precisar pagar alguns dos direitos como férias, hora extra e fundo de garantia. Essa obrigação passa a ser da empresa responsável por prestar os serviços. Singer (2003) sintetiza isso como o empregador antigo ganhando liberdade, os mantendo ativos lucrando, enquanto, os antigos funcionários perdem a segurança e estabilidade que tinham antes. O autor considera que “melhor do que a palavra ‘desemprego’, precarização do trabalho descreve adequadamente o que está ocorrendo”, se referindo a constante mudança nas configurações trabalhistas.

Singer (2006) oferece como solução para o desemprego um treinamento profissional e algum tipo de financiamento para que ele possa começar seu negócio, porém, é importante ressaltar que a apenas uma boa qualificação não é o suficiente para acabar com o desemprego, já que ela não força os capitais a aumentar a demanda pela força de trabalho, já que essa demanda está ligada com o crescimento do mercado. Mesmo que todos os desempregos se qualificassem, o único fator que aumentaria seria a concorrência entre eles, com uma possível redução entre os salários pagos. Essa transformação de desempregado para microempresários também não facilita a entrada ao mercado, que já é muito competitivo, falta um ensinamento de como operar um negócio sozinho e um estudo entre os clientes.

Segundo Gerbelli (2015), o desemprego traz uma diminuição no poder de compra da sociedade, o que conseqüentemente, faz com que ela consuma menos, isto é, o comércio vende menos e a indústria produz menos, o que se transforma em um ciclo vicioso, já que todos esses fatores aumentam ainda mais com o desemprego.

Uma medida do Brasil para ajudar nesse fator, de acordo com Novozyms (2017), que também está relacionada com o ODS 8, é o Microempreendedor Individual (MEI). O MEI é uma

medida adotada pelo governo federal para formalizar aqueles que trabalham de forma autônoma ou é um pequeno empresário, garantindo a ele a emissão de nota fiscal, aposentadoria, auxílio-doença e auxílio-maternidade. E com ele, a renda do empreendedor é assegurada, o que garante os mesmos direitos que um emprego contratado no regime Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Desde o início da pandemia do covid-19, o mercado de trabalho brasileiro vem sofrendo impactos negativos, como, por exemplo, a alta no desemprego, a subocupação e o desalento. Segundo a avaliação feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, de 2021, a melhora da atividade econômica e o crescimento da população ocupada não foram suficientes para reduzi-los, pois, com base no Pnad Contínua, a taxa de desocupação estava em 15,1% em março de 2021 e também, segundo a autora do estudo feito pelo Ipea Maria Andréia Lameiras, os níveis de desemprego seguem ruins porque, a cada dia que passa, mais gente retorna ao mercado de trabalho, em busca de emprego.

A análise do Ipea ainda mostra que os mais prejudicados são os jovens, cuja taxa de desocupação é de 31%, e que a taxa de desocupação dos homens foi 5,7% menor que a das mulheres. Além disso, o estudo também traz o Rio de Janeiro como uma das cinco unidades da federação que registraram um aumento na desocupação em 2021, cuja taxa é de 19,4%.

Além da pandemia, a proposta para criação de programas de emprego para jovens, aprovada pela Câmara dos Deputados em agosto de 2021, dá indícios de que haverá mais um impacto no mercado de trabalho. Um desses programas é o Requip, que, segundo *GI.com*, tem como público-alvo pessoas de 18 a 29 anos, desempregados há mais de 2 anos, ou jovens de baixa renda de programas federais de transferência de renda. Os contratados não terão vínculos empregatícios, receberão bolsa-auxílio de até 550 reais, terão jornada de trabalho de até 22 horas semanais e não precisarão estar matriculados em instituições de ensino (sejam elas escolas ou faculdades).

2.2 Ingresso dos Jovens no Mercado de Trabalho

Ao completar maioridade, é comum o jovem querer ingressar no mercado de trabalho e este ingresso pode ocorrer por diversos meios: sendo um estágio, jovem aprendiz ou até mesmo um emprego formal. Porém, para tal, é preciso, segundo a professora Greicy Weschenfelder, que a pessoa seja um diferencial em relação aos demais candidatos que brigam por uma vaga e que isto *atingível somente através do estudo*.

Há instituições que oferecem qualificação profissional gratuita e cursos

extracurriculares como, por exemplo, a Fundação Getúlio Vargas. Além dela, a Fundação Mudes e o Centro de Integração Empresa-Escola oferecem a qualificação juntamente a tão desejada vaga de emprego, mas têm como pré-requisito o candidato estar matriculado em uma instituição de ensino.

Com o advento do covid-19, ter este pré-requisito tornou-se cada vez mais difícil. De acordo com a segunda edição da pesquisa Juventudes e Pandemia do Coronavírus, de maio de 2021, realizada pelo Conselho Nacional da Juventude, com 68.144 jovens, 56% – com faixa etária de 15 a 29 anos – interromperam seus estudos durante a pandemia. Além disso, o estudo também revela que essa interrupção ocorreu – para os de 18 a 29 anos – principalmente por questões financeiras. A pesquisa ainda pontua que após a suspensão das atividades presenciais estudantis: “6 a cada 10 jovens relatam ansiedade (...)”; “5 a cada 10 sentem exaustão ou cansaço constante” e “4 a cada 10 têm insônia ou tiveram distúrbios de peso”.

2.3 Educação Financeira

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2005), educação financeira baseia-se no processo que permite os indivíduos a melhorarem sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de modo que possam fazer escolhas bem informadas.

Para Claudia Fortes, superintendente da Associação de Educação Financeira do Brasil, “a educação financeira busca a modificação do comportamento das pessoas, desde pequeninas, quando ensina a escovar os dentes e fechar a torneira para poupar água e economizar. Isso é preceito de educação financeira”.

Já para Gallery et al. (2011), o ensino financeiro é “a capacidade de fazer julgamentos informados e decisões eficazes sobre o uso e a gestão do dinheiro”. E, para Lelis (2006), a educação financeira é importante, pois abrange informações de como aumentar a renda, reduzir despesas e gerenciar fundos.

A educação financeira é a ferramenta na qual o indivíduo consegue organizar suas finanças, entender como investir de maneira segura – ainda que esse investimento seja do tipo arriscado, agressivo – e conhecer os riscos de um endividamento. É o conhecimento que proporciona também uma melhor qualidade de vida financeira, seja a curto ou a longo prazo.

No Brasil, esse conhecimento não é bem disseminado. É comum encontrar famílias e, até mesmo, jovens endividados por não terem o entendimento de como controlar seus gastos. Porém, a educação financeira passou a fazer parte da Base Comum Curricular (BNCC), com

previsão de chegada ao ensino infantil e fundamental em 2020.

Além disso, em 2021, o programa Aprender Valor, do Banco Central (BACEN), estava sendo expandido para todo o país e qualquer escola da rede pública de ensino fundamental pode aderir-lo. Este tem como objetivo incentivar o desenvolvimento de competências financeiras por parte dos estudantes e ainda visa prepará-los para lidarem melhor com dinheiro diariamente, antes de ingressarem no mercado de trabalho. Segundo Maurício Moura, o diretor de Relacionamento, Cidadania e Supervisão de Conduta, do BACEN, por meio deste programa “o Banco Central vem apoiando escolas e secretarias de Educação estaduais e municipais na implementação da educação financeira de forma integrada e transversal a disciplinas curriculares obrigatórias. Desde o início de 2020, e mesmo durante a crise sanitária, o banco e as áreas de educação de seis unidades federativas vêm implementando a etapa piloto do Aprender Valor”.

A inclusão da educação financeira como matéria obrigatória na BNCC e a expansão do programa Aprender Valor é um grande avanço não só para a rede de ensino pública, mas para a população inteira cuja próxima geração irá crescer tendo um embasamento de como lidar melhor com dinheiro.

D’Aquino (2008) explica que o capitalismo é um elemento intrinsecamente relacionado ao consumismo, sobretudo na sociedade contemporânea. Assim, no fomento de uma filosofia em que mais se importa o que se tem e não o que se é, a sociedade passa a sentir a necessidade de reconhecer todos os benefícios que o dinheiro pode proporcionar, passando a noção de que o dinheiro será um elemento que proporciona, todavia, uma satisfação apenas momentânea.

O autor enxerga na sociedade contemporânea, uma cultura cuja, desde muito cedo, ensina-se como gastar, porém, não se ensina como obter, tampouco como manter e a importância de preservar seu capital financeiro. D’Aquino (2008) ainda se preocupa com a precocidade com que o dinheiro se torna importante na vida de crianças e jovens, que são absorvidos por uma cultura de gasto desenfreado, sem saber como preservar esse dinheiro e somente reconhecendo seu valor – majoritariamente – mediante dificuldades financeiras que enfrentarão na vida adulta.

O autor explica que no Brasil, a educação financeira é um elemento ainda muito recente para a maioria da população. Isso porque não é um hábito do povo brasileiro planejar-se financeiramente, nem falar sobre dinheiro, compra, parcelamentos etc., principalmente com as crianças. Além de tudo, o país passou por oito moedas diferentes em um período de 52 anos (1942-1994), sendo que dessas, seis foram alteradas em um período de duas décadas.

D'Aquino (2008) ainda explica que a existência de uma instabilidade econômica fez, durante longos anos, parte da rotina da população brasileira, cujos indivíduos carregam tais reflexos desse passado. Em uma economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro tem resultados frágeis e deprimentes.

O autor ainda ressalta que a inflação fora – e volta a ser – um fantasma que assombra o país, a oscilação veloz de preços fez com que os indivíduos tomassem por hábito a compra “agora”, antes que os preços se elevassem novamente. Tal cenário que fora resultante de um período de altas inflações acompanhadas da ausência total de educação financeira na formação da sociedade. Assim, como o indivíduo não aprendeu a poupar suas finanças, precisa então passar por dificuldades para aprender. De modo que a educação financeira agora, demanda de um esforço múltiplo para ser ensinada.

Pereira (2009) explica que o marco central que possibilitou a educação financeira enquanto elemento concreto fora a queda da inflação. De modo que, em período mais recentes, os indivíduos notaram a importância do planejamento, do entendimento maior acerca de finanças pessoais, defendendo-lhes das armadilhas do mercado, organizando suas contas familiares no bojo de demais elementos que se incluem na educação financeira.

O autor também explica que o dinheiro é uma questão antiquíssima na sociedade. Explica ainda que no art. 208, inciso IV da Constituição Federal de 1988, bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a ação de educação infantil se apresenta como um complemento da família e comunidade. De modo que, torna-se responsabilidade também dos pais a educação de seus filhos desde o seu nascimento, incluindo então a educação financeira.

No âmbito legislativo, a aprovação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), fora um ponto em que se constata que, seria agora, bem como pouco a pouco, que o Brasil daria a atenção e importância devidas para a educação financeira. Instaurada por meio do Decreto nº 7.397/10, passou a ter como objetivo a promoção da educação financeira e previdenciária, contribuindo então para a consolidação da cidadania, eficiência e solidez do sistema financeiro brasileiro e da tomada de decisões mais autônomas e responsáveis por parte da população consumidora.

Pereira (2009) acredita então que a finalidade de fomentar a cultura de educação financeira no Brasil – que até a contemporaneidade é quase nula – paira sobre a ampliação do grau de entendimento que o cidadão terá para efetuar escolhas mais responsáveis no que concerne à administração de seus recursos financeiros, contribuindo para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, previdenciário e de capitalização.

Deste modo, mais do que aprender e compreender os preceitos e regras da matemática financeira, a educação financeira trata-se de fomentar nos indivíduos a consciência de preservar e valorizar seu dinheiro de maneira geral. Assim, diferencia-se a matemática financeira, que é uma disciplina capaz de aplicar uma série de regras, fórmulas e cálculos matemáticos, da educação financeira, que é uma disciplina mais subjetiva e empírica, cuja aprendizagem não se dá por regras, fórmulas e cálculos padronizados, mas sim, pela formação da cultura de economia do indivíduo.

Ainda tratando da educação financeira, Frankenberg (1999) explica que o ser humano tende a sofrer influências de emoções para a tomada de decisões financeiras, de modo que a primeira delas é aprendida por meio dos acontecimentos da vida, por meio de conhecimentos adquiridos e experiências. Para o autor, o ser humano é altamente dependente de questões fisiológicas, e que estas podem ser alteradas ou influenciadas de acordo com as escolhas feitas, impactando ainda os aspectos psicológicos.

Esses aspectos que são ainda mais complexos, demonstrando que a relação que os pais possuem com o dinheiro, influenciarão sobremaneira o modo como seus filhos lidarão e as escolhas que farão sobre ele. Assim, se os pais tendem a gastar dinheiro sem o mínimo controle, certamente não terão como cobrar que os filhos ajam de maneira diferente. De modo que a ideia que se forma sobre o dinheiro na fase adulta se relaciona com o modelo de dinheiro que conheceu na infância e, por essa razão, torna-se crucial educar financeiramente o indivíduo ainda quando criança.

Kioyosaki (2000) acredita que a sociedade contemporânea equipara o dinheiro a um status de melhor qualidade de vida e segurança. Uma vez que aquele que não se atribui do mínimo conhecimento acerca de uma administração adequada dessa ferramenta, certamente enfrentará alguma – ou muitas – dificuldades financeiras na vida.

Para o autor, existe aí um alerta sobre a importância de dar início à educação financeira com a denominada “alfabetização financeira”. Ele explica que, além de fomentar o conhecimento e aprendizagem de letras, é fundamental que também o sujeito saber fazer a leitura e interpretação de números.

Para Kioyosaki (2000), um dos pontos mais cruciais da educação financeira é compreender a contabilidade. Sendo assim, é preciso ensinar o sujeito a diferenciar ativos e passivos em seu orçamento, sabendo que quem enriquece é aquele que acumula ativos, enquanto aquele que passará por maiores dificuldades financeiras, é porque acumulou passivos demais. O autor explica então que ativos são coisas que colocam dinheiro no bolso e passivos são coisas que tiram dinheiro do bolso. E prossegue:

Estou muito preocupado pelo fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas estiverem preparadas para serem flexíveis, mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que terão dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa (KIOYOSAKI, 2000, p. 74).

O autor então acredita que, no âmbito da contabilidade, não se atribui grande importância aos números – diferente do que se imagina – mas sim, importa o que os números contam, o que mensuram. Assim como é com as palavras, pois, na aprendizagem da língua portuguesa, não são as palavras que tem maior peso na aprendizagem, mas sim, as histórias formadas por meio delas. De modo que a alfabetização financeira será então a capacidade que o indivíduo terá de ler os números e a história que contam.

Ele diz que a Contabilidade é o que chama de alfabetização financeira e que é uma habilidade vital caso queira construir um império. Quanto mais dinheiro tem sob sua responsabilidade, de mais acuidade precisa ou a casa cairá. A alfabetização financeira é a capacidade de ler e entender as demonstrações financeiras. E isto permite identificar os pontos fortes e fracos de qualquer negócio.

D'Aquino (2008) complementa esse pensamento explicando que a educação financeira será então pensada para muito além de alcançar a independência financeira, mas sim, será capaz de fomentar a habilidade de o indivíduo fazer escolhas responsáveis e adequadas quanto às suas finanças e os preceitos contábeis. Isso porque sua finalidade é a construção de bases para que, quando educada financeiramente ainda na infância, o indivíduo tenha consciência e conhecimento para lidar com o dinheiro de maneira correta na vida adulta.

Para a implementação da educação financeira nas escolas, foi elaborado um documento a fim de apresentar um conjunto de princípios norteadores do ensino de educação financeira. O material didático em questão foi elaborado pelo governo federal e encaminhado, inicialmente ao ensino médio. Cujas propostas pedagógicas do conteúdo é iniciada com a definição da educação financeira e com um modelo pedagógico que é apresentado a termos: este modelo instrucional tem como objetivo fornecer aos alunos informações e orientações que conduzam à construção de um pensamento financeiro consistente e ao desenvolvimento de comportamentos autônomos e saudáveis, capacitando-os a planejar e alcançar a vida que desejam como protagonistas históricos. Nesse sentido, o foco do trabalho está nas situações cotidianas da vida do aluno, pois é nessas situações que se encontram as dificuldades financeiras que ele precisa resolver (Brasil, 2010).

O modelo pedagógico em questão, ainda se alicerça em duas dimensões conceituais que são denominadas em dimensão espacial e temporal. A fim de justificar tal perspectiva é o fato de que o cotidiano ocorre sempre no espaço e no tempo determinados, fazendo com que a educação financeira se comprometa com tal cotidiano, assim, torna-se importante o estudo conforme tais dimensões. Assim, para ambas as dimensões conceituais, apresentam-se objetivos gerais a serem cumpridos por meio dos conteúdos da educação financeira.

Na dimensão espacial, os objetivos são: formar para a cidadania; ensinar a consumir e poupar de maneira ética, consciente e responsável; oferecer conceitos e instrumentos para a tomada de decisão autônoma baseada em mudanças de atitudes; e formar disseminadores. Os demais objetivos dizem respeito à dimensão temporal e voltam-se para as articulações entre passado, presente e futuro, a saber: ensinar o planejamento de curto, médio e longo prazo; desenvolver cultura da prevenção; e, oferecer mudanças na condição atual. O último objetivo se encontra atrelado à perspectiva da proposta de que tais conhecimentos e competências advém do estudo da educação financeira, fazendo com que estudante e seus familiares ascendam socialmente com tais práticas (BRASIL, 2010).

Assim, embora o próprio material didático oferecido conte com um caderno de alunos a fim de ensinar taxas de juros e demais elementos da matemática financeira. Silva e Powell (2013) explicam que é preciso ir além e inserir os alunos em atividades práticas que lhes possibilitem um contato simulado com os conceitos da educação financeira, fazendo-os vivenciar situações de juros, poupança, parcelamentos, fazendo com que, por meio dessas atividades, seja desenvolvido um pensamento financeiro.

Campos (2012) então sugere que a produção de tarefas deve se doutrinar por algumas características que tem como objetivo atender aos interesses do professor. Tais objetivos de orientação para a elaboração das tarefas são sugeridos pelo autor:

- Inspirar a produção de significados dos alunos;
- Ampliar o sentido que pode ser produzido, permitindo diferentes estratégias de resolução e tornando-os objeto de atenção;
- Possibilitar a discussão de diversos elementos do pensamento matemático, como a análise de razoabilidade dos resultados, estimativa, tomada de decisão, padrões de busca de soluções, desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas;
- Apresentar cenários abertos que oferecem múltiplas soluções.

O autor então finaliza dizendo que, sobre tais objetivos, a produção de significados que o professor pode estimular nos alunos, não paira somente sobre significados matemáticos, mas estão propostos a fim de permitir uma análise equilibrada sobre a aquisição de significados não

matemáticos que os alunos conseguem produzir, já que esses também informam sobre o modo de operação dos alunos. Ao passo que também explica que a realização de atividades práticas é a alternativa mais viável e eficaz para a consolidação da educação financeira.

Segundo publicação do BACEN (2013), a educação financeira é um meio de prover determinados conhecimentos elementares e informações sobre comportamentos necessários e básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e suas comunidades. Portanto, se trata de um mecanismo para promover o desenvolvimento econômico, pois a qualidade das decisões financeiras das pessoas, influencia, de forma geral, todo o contexto econômico, por ser intimamente relacionada a problemas como os níveis de endividamento e inadimplência das pessoas e a capacidade de investimento do país.

Dessa forma, consumidores que são adequadamente educados financeiramente, requerem serviços e produtos que sejam adequados às suas necessidades, estimulando a competitividade e desempenhando um papel relevante de monitoramento do mercado. Isso porque exigem mais transparência das instituições financeiras, contribuindo para a solidez e eficiência do sistema financeiro.

Dessa maneira, desde cedo o ser humano começa a lidar com diversas situações relacionadas ao dinheiro e, para tirar melhor proveito do seu dinheiro, é fundamental saber utilizá-lo da forma mais favorável a cada indivíduo. A aprendizagem e aplicação de conhecimentos práticos de educação financeira, podem contribuir de forma significativa para melhorar a gestão de finanças pessoais, tornando a vida das pessoas mais tranquilas e equilibradas na perspectiva financeira.

2.4 Planejamento Financeiro Pessoal

Para Ross, Westerfield e Jaffe (1995), planejamento financeiro formaliza o método pelo qual as metas financeiras devem ser alcançadas. Ou seja, é a ferramenta que auxilia o indivíduo a ter controle do seu dinheiro. Além disso, ajuda a medir se seu gasto é realmente necessário ou o quanto pode poupar mensalmente para uma futura viagem e, até mesmo, para uma possível emergência.

Segundo Cerbasi (2005), o planejamento financeiro pessoal significa: entender o máximo que se pode gastar hoje sem comprometer esse padrão de vida no futuro. É fazer escolhas como viver bem o presente, mesmo que isso signifique adiar o sonho de comprar determinado carro ou um apartamento mais confortável. É optar por mais anos de aluguel, viabilizando a formação de uma poupança que seria inviável durante um pesado financiamento.

Para Frankenberg (1999), é: estabelecer e seguir uma estratégia precisa, ponderada e direta para acumular bens e valores que formarão o legado de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode focar no curto, médio ou longo prazo, o que não é uma tarefa fácil.

Ambos os autores afirmam que para um planejamento financeiro pessoal eficiente, o indivíduo deve ter um prévio conhecimento de seu ganho mensal e sobre suas metas, sejam a curto ou longo prazo. O mesmo pode utilizar um fluxo de caixa para diminuir suas despesas de seus ganhos e saber o quanto tem disponível no final do mês. A partir disso, consegue-se estipular um percentual para investir, poupar.

3 METODOLOGIA

O critério de classificação de pesquisa utilizado é o proposto por Vergara (2000): quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a presente pesquisa se classifica como descritiva, pois, segundo Gil (1999), a pesquisa descritiva objetiva descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis.

Quanto aos meios, tem caráter bibliográfico porque, segundo Cervo e Bervian (1983), explica o problema em termos de referências teóricas publicadas na literatura. Além disso, também se adequa à pesquisa de campo, uma vez que foi enviado um questionário aos 112 jovens, de 18 a 29 anos residentes na zona norte do Rio de Janeiro, via *Google* Formulários.

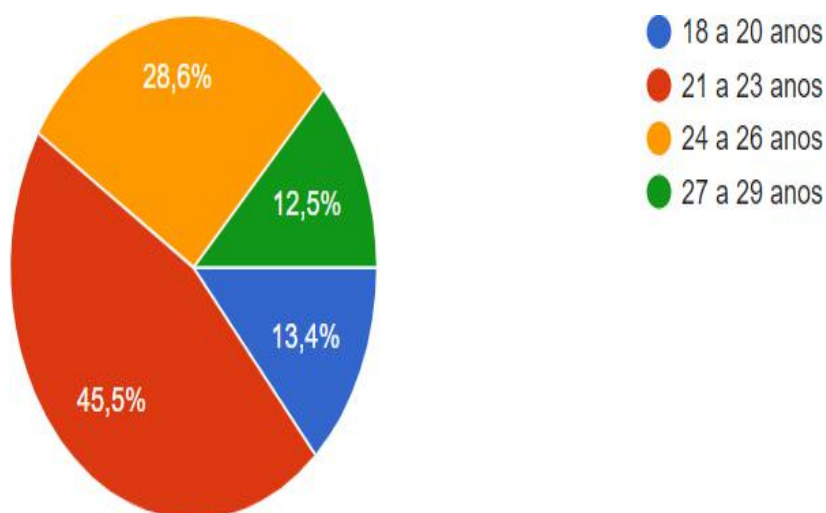
Quanto a abordagem, é quantitativa, pois, segundo Richardson (1999, p. 70), “caracteriza-se pelo uso da quantificação tanto na forma como a informação é coletada, quanto na forma como ela é processada por meio de estatísticas, (...)”. Quanto à amostra selecionada, citada anteriormente, segundo Vergara (2006), trata-se de uma parcela do universo (população) selecionada de acordo com alguns critérios de representatividade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O questionário foi enviado a 112 jovens, de 18 a 29 anos, através de 10 perguntas de múltipla-escolha, onde se pôde analisar informações pessoais e de acordo com o contexto em que vivem. Foi possível também mensurar o contato que eles deixaram de ter com educação financeira ao longo de suas vidas.

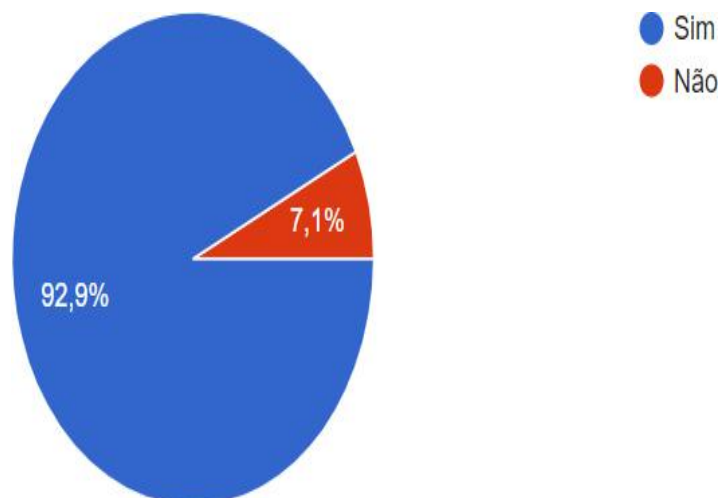
Dos 112 jovens mencionados anteriormente, 15 (13,4%) têm entre 18 a 20 anos, 51 (45,5%) têm entre 21 a 23 anos, 32 (28,6%) têm entre 24 a 26 anos e 14 (12,5%) têm entre 27 a 29 anos. Além disso, 104 jovens (92,9%) residem na zona norte do Rio de Janeiro.

GRÁFICO 1 – Idade



Fonte: Elaborado pela autora.

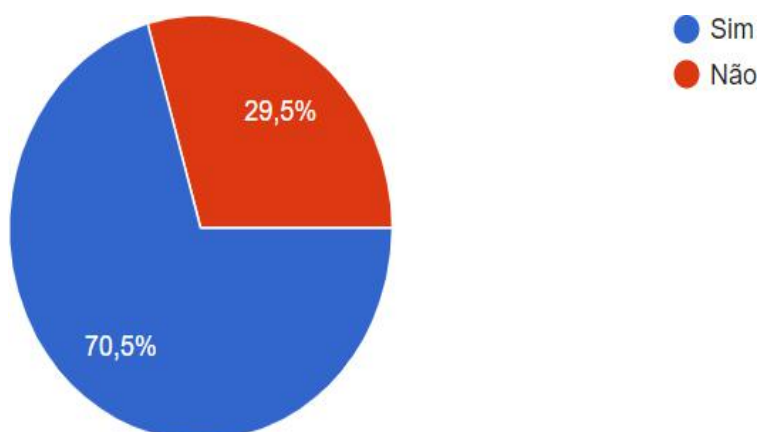
GRÁFICO 2 – Mora na zona norte do Rio de Janeiro?



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que dos 112 entrevistados, 79 (70,5%) estão à procura do primeiro emprego enquanto 33 (29,5%) não estão. Acredita-se que 29,5% recebem algum tipo de auxílio financeiro, enquanto o restante precisa de um salário para manter suas necessidades básicas, e já tenham trabalhado anteriormente.

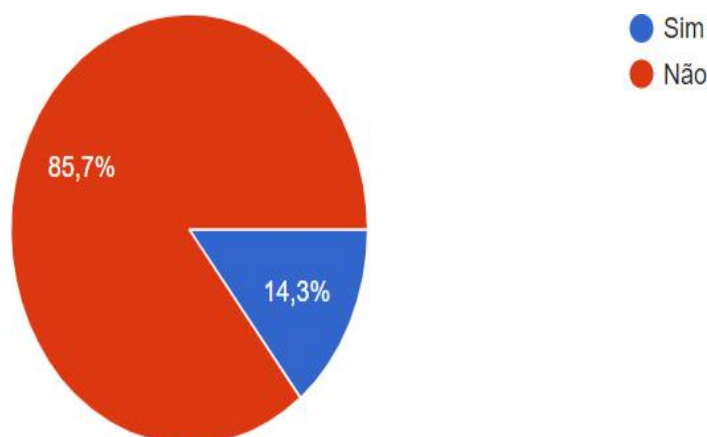
GRÁFICO 3 – Está à procura do primeiro emprego?



Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito ao contato com a educação financeira, 96 jovens (85,7%) não tiveram nenhum tipo de contato com o tema no período em que estavam na escola, enquanto 16 jovens (14,3%) tiveram. Acredita-se que os que tiveram acesso a esta matéria estudaram em escolas particulares, como o Colégio Santo Inácio, ou federais, como por exemplo o Colégio Pedro II, onde se é comum desenvolver atividades com foco em finanças pessoais.

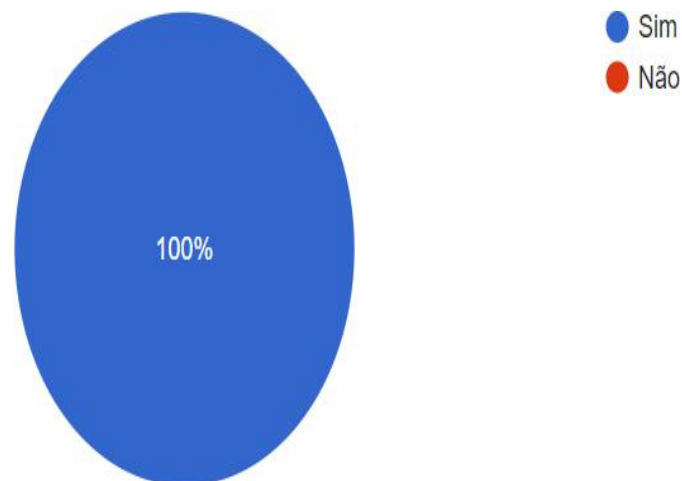
GRÁFICO 4 – Teve algum contato com educação financeira na escola?



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à importância de estudar educação financeira, 100% dos entrevistados consideram importante, sendo 61,6% (69 jovens) pela possibilidade de terem uma vida financeira mais organizada, 31,3% (35 jovens) acreditam que é o caminho para saberem como investir futuramente e 7,1% (8 jovens) pela preocupação de controlarem seus gastos.

GRÁFICO 5 – Acha importante estudar sobre educação financeira?



Fonte: Elaborado pela autora.

GRÁFICO 6 – Se sim, por que considera importante?

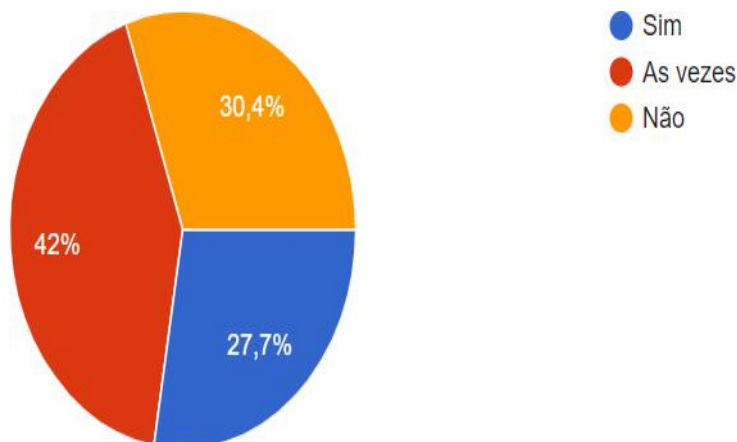


Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se 42% dos jovens anota o que gastou as vezes, 30,4% não tem o costume de anotar o que foi gasto durante o mês e 27,7% tem o costume de anotar o quanto despendeu. Pode-se especular que 30,4% destes jovens que não são habituados a anotar seus gastos não têm nenhum tipo de controle sobre sua saúde financeira, que é oriundo da falta de conhecimento sobre finanças. Uma vez que se tem o mínimo de entendimento, há a possibilidade de montar uma tabela simples com o planejamento financeiro (seja por mês, semestre ou ano) e assim ter

uma ideia do quanto se pode ou não gastar.

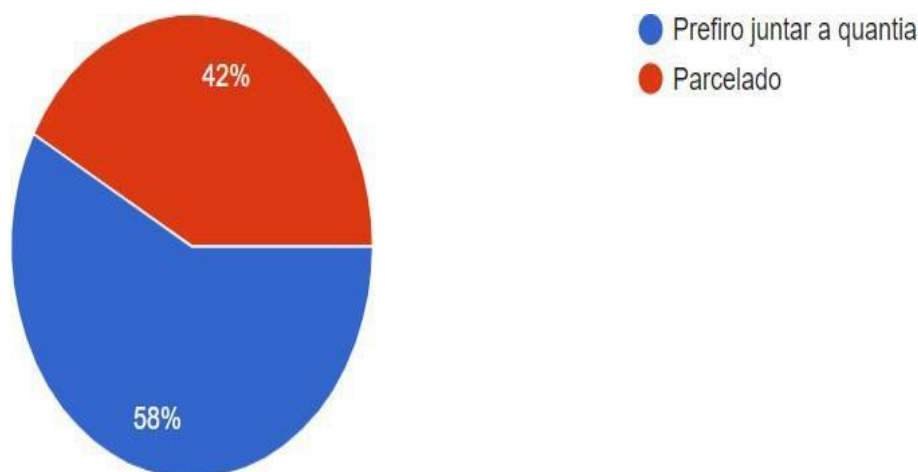
GRÁFICO 7 – Para controlar seus gastos, costuma anotar tudo o que gastou durante o mês?



Fonte: Elaborado pela autora.

No que tange à suscetibilidade ao consumo, observa-se que 58% dos entrevistados prefere juntar a quantia almejada para comprar o que deseja à vista que pagar parcelado, o que indica que esses jovens não têm o hábito de muitos brasileiros de comprar itens parcelados e não conseguem pagar posteriormente.

GRÁFICO 8 – Entre comprar parcelado e juntar a quantia e comprar à vista, por qual optaria?



Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere ao costume de poupar toda e qualquer quantia que esses jovens ganham, já que ainda não possuem emprego, 50% afirma que tem o costume de guardar, mas sem valor e prazo definidos; 31,3% não possui o hábito de guardar dinheiro e 18,8% poupa mensalmente.

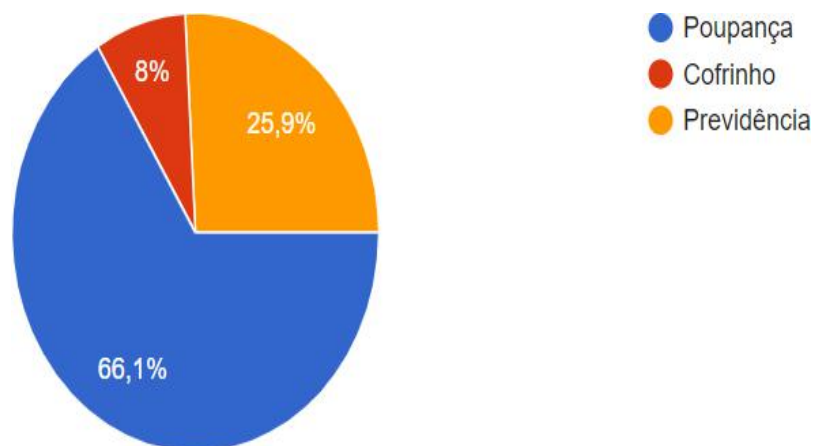
GRÁFICO 9 – Tem o costume de poupar todo e qualquer dinheiro que ganha?



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação a investimento, 74 jovens (66,1%) afirmam que aplicariam seu dinheiro na poupança se já estivessem empregados, 29 jovens (25,9%) investiriam em previdência privada e 9 jovens (8%) guardariam seu dinheiro em um cofrinho. Consegue-se observar que a maioria tem a visão de que investir é melhor que apenas guardar dinheiro. Sobre investir ou não pode estar relacionado justamente a falta de educação financeira, muitos jovens não sabem nem por onde começar. O medo de perder o pouco que tem já é assustador o suficiente principalmente no período “pós-pandêmico”, onde os preços de itens básicos são incertos e podem alterar diariamente.

GRÁFICO 10 – Onde investiria seu dinheiro caso estivesse empregado?



Fonte: Elaborado pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a familiaridade da educação financeira entre os jovens em busca do primeiro emprego. Para tal, um questionário com 10 perguntas foi enviado a 112 jovens, entre 18 e 29 anos residentes na zona norte do Rio de Janeiro, que continham questões que vão desde sua idade até seu comportamento financeiro.

A importância desta pesquisa está em não apenas compreender o nível de conhecimento os jovens que estão à procura do primeiro emprego, que residem na zona norte do Rio de Janeiro, têm sobre educação financeira e sim mostrar a comunidade acadêmica as consequências da falta do mesmo: jovens que não sabem como gerir todo e qualquer dinheiro que têm em mãos. Espera-se que este estudo incentive, de algum modo, a disseminação e a democratização desse conhecimento para essas pessoas.

Com base nos dados coletados e explanados anteriormente, pode-se observar que 87,5% do público-alvo não teve nenhum tipo de contato com Educação Financeira na escola, o que já era esperado, e que, ainda sim, 100% desses jovens consideram importante o conhecimento desta disciplina, seja para aprender a economizar ou ter uma vida financeira mais controladas, sem muitos gargalos o que é algo positivo.

Além disso, nota-se que há uma certa sensibilidade no que diz respeito a pagar uma compra parcelado ou à vista, já que 58% prefere não se endividar. Por último, mas não menos importante, destaca-se o costume de poupar, tendo em vista que 50% tem o hábito de poupar, mas sem data e valores definidos e isto mostra a falta de conhecimento desses jovens sobre o tema.

Notou-se que a Educação Financeira é uma disciplina fundamental de se ter ao menos uma noção quando se está iniciando a vida financeira, além de ser relevante para a economia no geral. Viu-se que esses jovens, ainda que ignorantes, têm o *feeling* de Finanças Pessoais.

A Educação Financeira é um tema muito relevante economicamente e deve ser abordado como mais frequência em todos os âmbitos da vida, principalmente na parte acadêmica. Como sugestão de pesquisa, poderia ser mensurado o nível de educação financeira considerando o nível de escolaridade da pessoa, para entender a relação entre estudo e dinheiro.

REFERÊNCIAS

- INDIO DO BRASIL, Cristina. Pandemia ainda provoca impactos no mercado de trabalho, diz Ipea. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/pandemia-ainda-provoca-impactos-no-mercado-de-trabalho-diz-ipea>>. Acesso em: 12 de agosto de 2021.
- MARTINEZ, Fernanda. Jovem Aprendiz: projeto prejudica programa e cria condições precárias de trabalho, alertam entidades. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/11/jovem-aprendiz-projeto-prejudica-programa-e-cria-condicoes-precarias-de-trabalho-alertam-entidades.ghtml>>. Acesso em: 12 de agosto de 2021.
- Metade dos jovens parou de estudar na pandemia, diz estudo. **R7**, 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/metade-dos-jovens-parou-de-estudar-na-pandemia-diz-estudo-15062021>>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.
- OLIVEIRA, Elida. Cresce percentual de jovens que pensaram em parar de estudar na pandemia, aponta pesquisa. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/14/cresce-percentual-de-jovens-que-pensaram-em-parar-de-estudar-na-pandemia-aponta-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.
- EDUARDO OLIVEIRA DA SILVA, Simone. A inserção do jovem no mercado de trabalho. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-insercao-jovem-no-mercado-trabalho.htm>>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.
- TOKARNIA, Mariana. Educação financeira chega ao ensino infantil e fundamental em 2020. **Agência Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/educacao-financeira-chega-ao-ensino-infantil-e-fundamental-em-2020>>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.
- Projeto de educação financeira nas escolas públicas é expandido para todo o país. **Governo do Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/05/projeto-de-educacao-financeira-nas-escolas-publicas-e-expandido-para-todo-o-pais#:~:text=O%20programa%20Aprender%20Valor%2C%20do,todas%20as%20regiões%20do%20país.>>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.
- GALLERY, N.; GALLERY, G.; BROWN, K.; PALM, C. **Financial literacy and pension investment decisions. Financial Accountability & Management**. EUA, 2011.
- ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; e JAFFE, Jeffrey F. **Administração**

Financeira. São Paulo: Atlas, 1995.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro.** 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CERBASI, Gustavo P. **Dinheiro - os segredos de quem tem: como conquistar e manter sua independência financeira.** São Paulo: Gente, 2005.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais.** In: BEUREN, I. M. (Org.). *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.* São Paulo: Atlas, 2003.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

Yin, R. K. (2005). **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2 ed. Porto Alegre:

Bookman, 2001.

GERBELLI, L.G. Crise política reforça desânimo na economia. O Estado de S. Paulo. 02 ago 2015. Disponível em: < <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-politica-reforca-desanimo-na-economia,1736486>>, Acesso em 10 de julho de 2018

SINGER, Paul. Economia: Desemprego: uma solução não-capitalista. 2000. Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-antiores/economia-desemprego-uma-solucao-nao-capital>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

SINGER, Paul. Globalização e desemprego – diagnóstico e alternativas, São Paulo: Ed. Contexto, 3ª Edição, 1998.